

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PARA CIGARRO DE PALHA E TOCO DE CIGARRO NO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ

---

**Romário Duarte Sanches\***

**Abdelhak Razky\*\***

**Resumo:** Este artigo explicita a variação linguística encontrada no *corpus* do projeto Atlas Linguístico do Amapá para os itens lexicais *cigarro de palha* e *toco de cigarro*. A abordagem teórica segue os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geolinguística. Os resultados apontam que no Amapá o item *cigarro de palha* apresenta dez variantes, e as mais frequentes foram *porronca*, *tabaco* e *charuto*. Já o item *toco de cigarro* apresenta oito variantes, tendo como predominante a variante *bagana*.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия. Geolinguística. Variação lexical.

## INTRODUÇÃO

■ **A**s discussões entre o espaço geográfico e os usos linguísticos dos quais o homem se utiliza, dentro de um determinado espaço, trouxeram, nas últimas décadas, novas reflexões e propostas metodológicas para o avanço e aprimoramento dos estudos relacionados à variação e à mudança linguística.

A dialetoлогия tradicional conseguiu, como ciência, mesmo que de forma intuitiva e fortuita, relacionar os usos linguísticos por meio das delimitações geográficas traçadas pelos pesquisadores da área. Como toda ciência, a dialetoлогия, nos fins do século XX, começa a projetar seus princípios metodológicos que abarcaram o método da geografia linguística, hoje conhecida também como geolinguística. Por meio desse método, é possível fazer a recolha, de forma sistemática, das diferentes realidades linguísticas refletidas nos espaços geográficos.

---

\* Universidade Federal do Pará (Ufpa) – Belém – PA – Brasil. E-mail: duarte.romrio@gmail.com

\*\* Universidade Federal do Pará (Ufpa) – Belém – PA – Brasil. E-mail: arazky@gmail.com

Por muito tempo a dialetologia, acompanhada da geolinguística, priorizou o aspecto geográfico pela forte evidência da aproximação ou distanciamento com que os fenômenos linguísticos se manifestavam no espaço físico. Os primeiros resultados dos estudos geolinguísticos, sem dúvida alguma, foram os atlas linguísticos. São inúmeros os atlas constituídos pelo mundo todo, sejam eles de caráter regional, nacional ou continental.

Se antes a dialetologia tinha o *status* de *ciência da variação espacial*, por enfatizar o espaço geográfico, atualmente ela é concebida como *ciência geral da variação*, devido ao surgimento da sociolinguística que integrou no seu escopo metodológico a variação social.

A busca pela descrição da realidade linguística brasileira encontrou, nos aparatos teórico-metodológicos de uma geolinguística moderna, ferramentas que vão dar suporte à pesquisa de campo, ao tratamento dos dados e à análise dos resultados. Assim, para juntar-se à enorme contribuição evidenciada nos últimos anos pela geolinguística moderna, trazemos este estudo que pretende explicitar e comparar dados encontrados nos Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (CARDOSO et al., 2014) e no Atlas Linguístico do Amapá (Alap) (SANCHES; RIBEIRO, 2013). Os itens analisados foram *cigarro de palha* e *toco do cigarro*. No caso do ALiB, os itens que foram descritos, até o momento, contemplam apenas as capitais brasileiras. Já no Alap, os mesmos itens foram descritos e analisados em dez pontos de inquéritos, incluindo a capital Macapá.

Assim, além de registrar e descrever esses dois itens nos dados do Alap, será possível também realizar uma análise comparativa com os dados do ALiB, na intenção de ratificar ou complementar os estudos já realizados, ou seja, verificar se as variantes lexicais encontradas para *cigarro de palha* e *toco de cigarro* são as mesmas encontradas nos dados do Alap.

## DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA

Em termos conceituais, Ferreira e Cardoso (1994) tratam a dialetologia como uma ciência que surgiu nos fins do século XIX e que demonstrou um maior interesse pelos dialetos regionais, rurais e sua distribuição e intercomparação. Cardoso (2010) aprimora tal definição, considerando-a como um ramo dos estudos linguísticos que assume a tarefa de identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

Em relação à geolinguística, partindo-se de uma conceituação mais técnica do escopo da linguística, entende-se a expressão *geografia linguística* como:

[...] O método dialetológico e comparativo tem se desenvolvido bastante em nosso século, especialmente no campo das línguas românicas, o que pressupõe o registro em mapas espaciais de um número relativamente grande de formas linguísticas (fonéticas, lexicais ou gramaticais) comprovadas por inquéritos diretos e relativos a uma rede de pontos de um dado território, ou pela distribuição das formas no espaço geográfico correspondentes às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1965, p. 29, tradução nossa).

Assim, a geolinguística é tratada como um método da dialetologia para localizar espacialmente as variações das línguas, umas em relação às outras, podendo situar socioculturalmente cada um dos falantes considerados.

No Brasil, quando se fala em dialetologia e geolinguística, é importante salientar alguns autores renomados que deram início a esses estudos. Ferreira e Cardoso (1994) destacam, em especial, os trabalhos de Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto e Nelson Rossi. Esses foram os primeiros dialetólogos que impulsionaram novos estudos na área e principalmente na elaboração de inúmeros atlas linguísticos de maior e menor domínio.

Vale ressaltar aqui que a partir dos estudos dialetais e geolinguísticos já publicados e dos que ainda estão em andamento, torna-se imprescindível a referência a um dos maiores projetos dessas áreas já firmados no país, o projeto ALiB.

O momento mais importante e que deu impulso para a construção do ALiB, segundo Cardoso et al. (2014), foi o “Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil”, realizado na Universidade Federal da Bahia (Ufba), em 1996. Tal evento foi favorável à construção do projeto, pois reuniu pesquisadores no campo da dialetologia e da sociolinguística, contando com a presença dos autores de atlas linguísticos já publicados até àquela época.

Atualmente a equipe responsável pela concretização do Projeto ALiB é integrada nacionalmente, contando com a participação de diversas universidades brasileiras, bem como professores e pesquisadores da área. Um dos principais objetivos do projeto é documentar e mapear a língua falada em seus diversos aspectos, correspondentes a 250 localidades distribuídas por todo o território nacional e representativas das diversas regiões. Até o momento, o ALiB conta com dois volumes publicados: volume 1 – Introdução, e volume 2 – Cartas linguísticas 1.

Como fruto das diversas pesquisas dialetais e geolinguísticas, impulsionadas pelo projeto ALiB, tem-se como um projeto de atlas em andamento o Atlas Linguístico do Amapá (Alap), o qual visa, de forma geral, documentar e mapear a língua falada em dez localidades do estado, evidenciando os aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais.

Apresentaremos nas seções seguintes alguns estudos já realizados com os itens lexicais *cigarro de palha* e *toco de cigarro*, a partir dos dados do ALiB; em seguida mostraremos as variantes lexicais encontradas nos dados do Alap, a fim de que possamos visualizar como estão distribuídas, espacial e socialmente, as variantes linguísticas dos referidos itens pelo Brasil e, especificamente, no Amapá.

## **CIGARRO DE PALHA E TOCO DE CIGARRO NO BRASIL**

A partir dos dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil, passamos a vislumbrar o acervo lexical para *cigarro de palha* e *toco de cigarro* distribuído em todo o território nacional. Os estudos de Razky e Costa (2014) sobre esses itens lexicais mostram que *cigarro de palha* apresenta 21 variantes linguísticas distribuídas nas 25 capitais brasileiras, com destaque para a recorrência das variantes *cigarro de palha*, *porronca*, *cigarro de fumo*, *palheiro* e *tabaco*. Numa análise diatópica, os autores destacam a variante *cigarro de palha*, cujo uso ocorre em todas as regiões brasileiras, sendo predominante na região Centro-Sul do Brasil<sup>1</sup>.

1 A região geoeconômica Centro-Sul abrange os estados das regiões Sul e Sudeste (com exceção do norte de Minas Gerais), além dos estados de Mato Grosso do Sul, sul do Tocantins e o do Mato Grosso, e Distrito Federal.

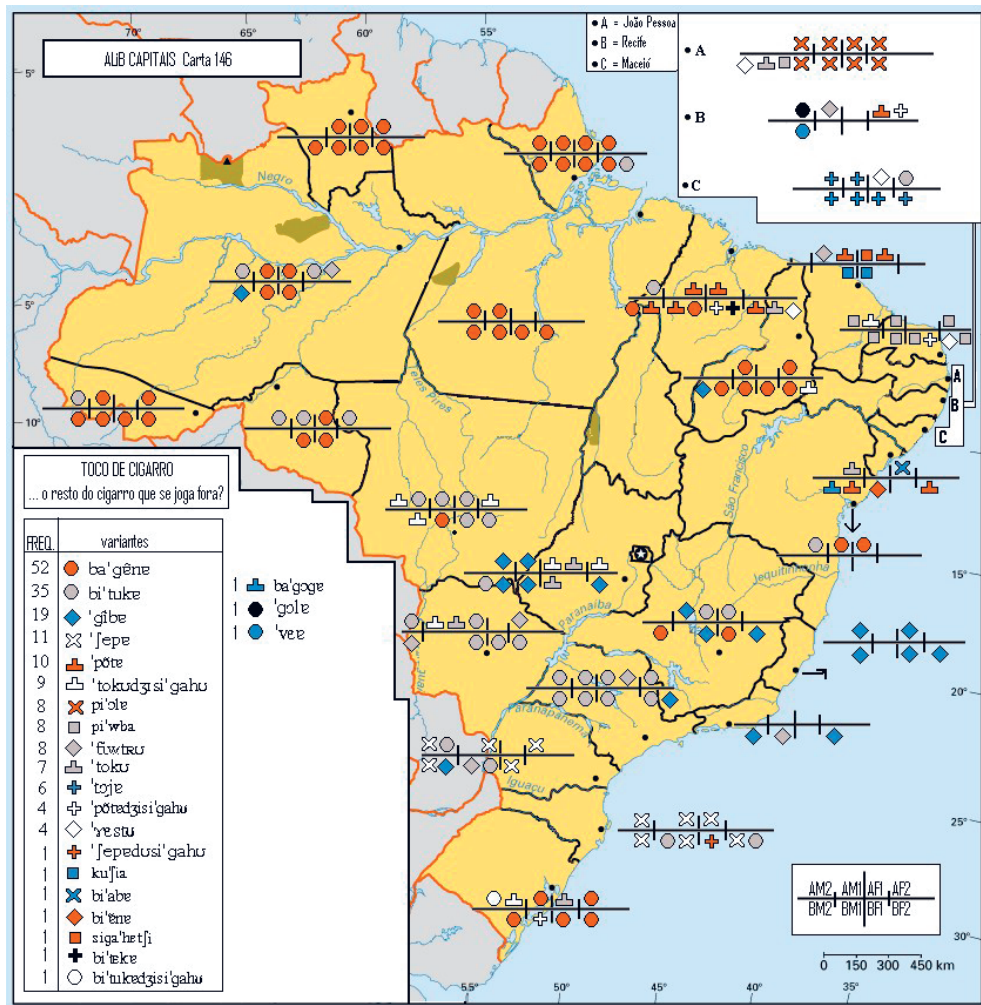
Vale ainda destacar que na análise das variantes por regiões, Razky e Costa (2014) mostram que na região Norte, *cigarro de palha* e *tabaco* são as mais frequentes. Enquanto no Nordeste tem-se a predominância de *cigarro de fumo*. Já na região Centro-Sul aparece a variante *palheiro*. Vejamos, a seguir, a *Carta L16* do Atlas Linguístico do Brasil (2014) que mostra as denominações registradas para *cigarro de palha* nas capitais brasileiras (Figura 1).

**Figura 1** – Carta linguística extraída do Atlas Linguístico do Brasil (2014)



A carta linguística da Figura 1 evidencia claramente uma certa delimitação espacial ao uso de algumas variantes, como foi bem analisado e descrito por Razky e Costa (2014). Em uma análise diastrática, levando em consideração a faixa etária, os autores mostram que a variante *tabaco* ocorreu somente na fala dos informantes mais jovens. No que diz respeito à variável sexo, os autores afirmam que as cinco variantes mais frequentes podem ocorrer independentemente de o informante ser homem ou mulher. Já a variável escolaridade indica que as variantes *cigarro de palha* e *porronca* podem caracterizar, numa mesma proporção, o falar tanto de informantes com escolaridade fundamental quanto com nível superior.

Em relação ao item *toco de cigarro*, os referidos estudiosos afirmam que este apresentou 23 variantes distribuídas nas capitais brasileiras, com destaque para as que foram mais frequentes: *bagana*, *bituca* e *guimba*. Na Figura 2, a carta linguística sobre o referido item:

**Figura 2** – Carta linguística elaborada por Razky, Costa e Oliveira (2011).

A partir da elaboração da carta linguística da Figura 2, Razky e Costa (2014), diante de uma análise diatópica, inferem que há usos mais frequentes de algumas variantes em determinadas regiões do Brasil. Por exemplo, na região Norte, destaca-se a variante *bagana*; no Nordeste temos as variantes *ponta*, *pióla*, *püba*, *tóia* e *resto*; no Centro-Oeste aparece *toco de cigarro*; no Sudeste, *guimba*; e no Sul, *xepa*.

Em uma perspectiva diastrática, os autores destacam *bagana*, *guimba*, *toco de cigarro* e *bituca*. As duas primeiras aparecem nas falas de pessoas mais idosas e as duas últimas, na fala de pessoas mais jovens. A variável sexo, considerando o número de ocorrências, não revelou influência significativa sobre a escolha de uma ou outra variante. Já a respeito da variável escolaridade, Razky e Costa (2014) mostram que *bagana* é mais recorrente em pessoas de nível de ensino fundamental e *bituca* na fala de pessoas de nível superior.



## CIGARRO DE PALHA E TOCO DE CIGARRO NO AMAPÁ

Por meio dos dados já coletados para o Atlas Linguístico do Amapá (Alap), buscamos identificar como os itens lexicais anteriormente analisados, *cigarro de palha* e *toco de cigarro*, ocorrem no Amapá. Antes de explicitar os dados, vale ressaltar brevemente os procedimentos metodológicos adotados. A pesquisa conta com 40 informantes distribuídos em dez pontos de inquéritos (Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jarí, Porto Grande, Pedra Branca do Amapari, Tartarugalzinho, Calçoene, Amapá e Oiapoque). Os perfis desses informantes são: um homem e uma mulher entre 18 e 30 anos de ensino fundamental incompleto, e um homem e uma mulher entre 50 e 75 anos de ensino fundamental incompleto. Para a coleta de dados, utilizamos o questionário semântico-lexical elaborado pelo comitê científico do projeto ALiB. Tal questionário contém 202 perguntas divididas em 14 campos semânticos. No entanto, foram analisados apenas dois itens lexicais do campo semântico, convívio e comportamento social: *cigarro de palha* e *toco de cigarro*.

A análise dos dados se constituirá da seguinte forma: 1. inicialmente, serão apresentados os dados em forma de cartas linguísticas, em que serão expostos os itens lexicais investigados, e nessas cartas será possível visualizar as variantes encontradas no estado do Amapá; 2. após a demonstração dos dados, serão feitas as descrições das variantes e, em seguida, a análise em seu aspecto diatópico e diastrático, no entanto essa análise considerará apenas as variantes de maior frequência.

Para a leitura das cartas, é válido lembrar que cada variante se encontra identificada por símbolos, que por sua vez identificam-se também por cores diferenciadas. No que tange ao perfil do informante, este será identificado pela cruz de estratificação (+) que indicará a posição de cada um. Desse modo, na parte superior dessa cruz, encontram-se os informantes da 1ª faixa etária, e o lado esquerdo caracteriza o homem (MA) e o lado direito a mulher (FA); na parte inferior estão indicados os informantes da 2ª faixa etária, no lado esquerdo o homem (MB) e no lado direito a mulher (FB).

### Item lexical cigarro de palha

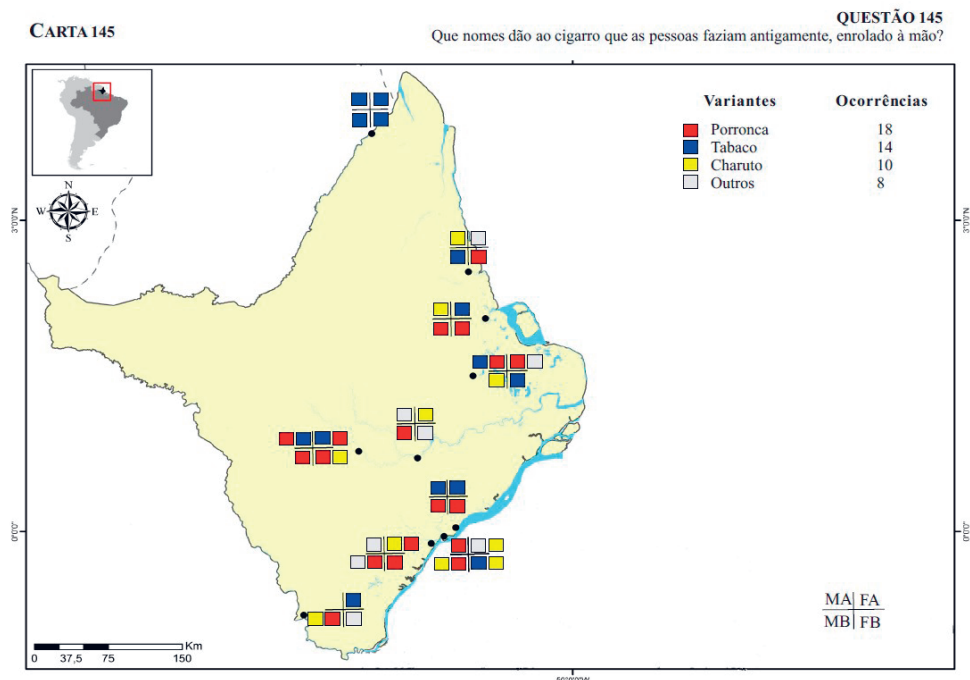
Para a descrição e mapeamento da variação lexical para *cigarro de palha* no Amapá, buscamos saber que nomes os informantes dão ao *cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão*? Por meio dessa pergunta, registramos dez variantes lexicais: *porronca*, *tabaco*, *charuto*, *tabacão*, *cigarrinho de palha*, *cigarrinho*, *cigarro de palha*, *cigarro*, *trevo* e *ponta de borracha*. Na análise diatópica do item em questão, observamos que as variantes mais frequentes são: *porronca* 39%, *tabaco* 25% e *charuto* 16%. E *porronca* aparece distribuída em quase todos os pontos de inquéritos. A variante *tabaco* ocorre em sete localidades, visto que em Mazagão, Porto Grande e Tartarugalzinho não há registros desse uso. Quanto à variante *charuto*, ela também aparece em sete localidades, não ocorrendo em Oiapoque, Amapá e Macapá. Vale ressaltar que na localidade de Oiapoque é predominante em todos os informantes entrevistados o uso da variante *tabaco*.

Ainda analisando o referido item em seu aspecto diastrático, as variantes *porronca*, *tabaco* e *charuto* (Figura 3) mostram um perfil extralinguístico. A variante

*porronca* é identificada com mais frequência na fala de pessoas de 2ª faixa etária, independentemente da variável sexo. Em relação à variante *tabaco*, esta se mostra mais frequente na fala de homens e mulheres de 1ª faixa etária. Já a variante *charuto* é marcada predominantemente na fala dos homens de 2ª faixa etária.

Segue a carta linguística 145 com o mapeamento diatópico e diastrático para o item lexical *cigarro de palha* (Figura 3):

**Figura 3** – Carta Linguística



Fonte: Elaborada pelos autores.

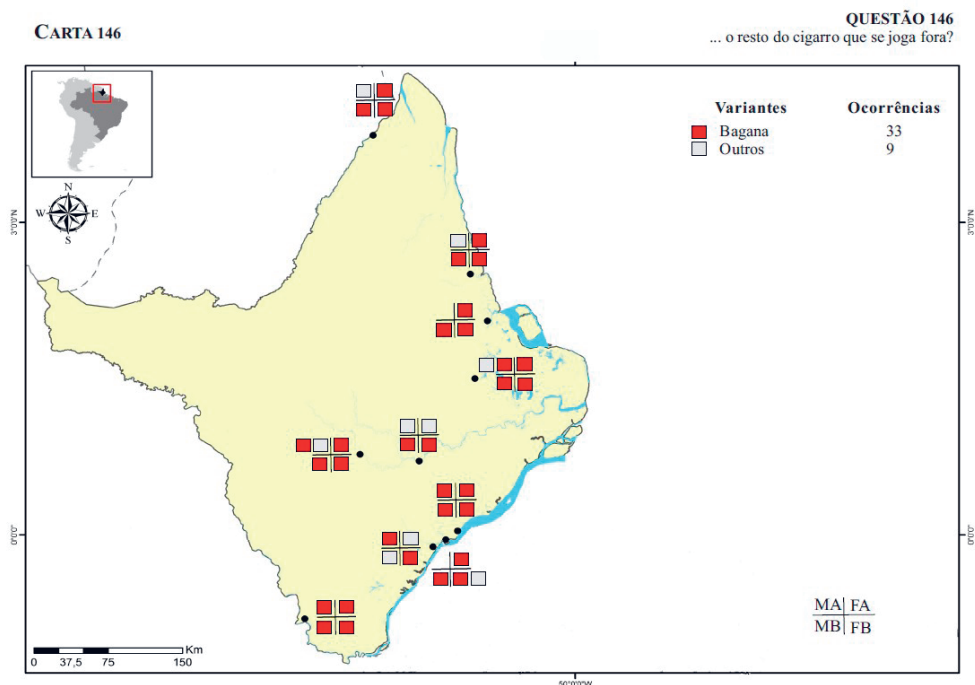
### Item lexical *toco de cigarro*

Para análise do item *toco de cigarro*, buscamos saber como as pessoas chamam para aquele *resto de cigarro que se joga fora*? As respostas registraram um total de oito variantes: *bagana*, *toco do cigarro*, *cortiça*, *biata*, *toquinho*, *pituca*, *resto do cigarro* e *borra*. A variante de maior frequência foi *bagana* com 77% de ocorrência. Essa variante está predominantemente distribuída em todos os pontos de inquéritos (conforme a Figura 4).

A carta linguística 146 (Figura 4) também mostra que *bagana* é predominante na fala de pessoas de 2ª faixa etária, já que em FB (mulher de 2ª faixa etária) aparece com 32% e MB (homem de 2ª faixa etária) com 29%, enquanto o emprego em FA (mulher de 1ª faixa etária) é de 26% e em MA (homem de 1ª faixa etária) é de apenas 13% de ocorrência. Dessa forma, não consideramos que o emprego de *bagana* caracterize uma variante exclusiva e determinada pela variável sexo, mas a variável faixa etária evidencia certa influência na fala dos informantes.

Na Figura 4, segue a carta linguística 146 com o mapeamento diatópico e diastrático para o item lexical *cigarro de palha*.

**Figura 4** – Carta Linguística



Fonte: Elaborada pelos autores.

### ***Agrupamentos lexicais e contínuo dialetal (lexical)***

Por meio da descrição e mapeamento realizados neste trabalho com os dados do ALiB e do Projeto Alap é possível ratificar a ideia dos agrupamentos lexicais e contínuo dialetal (lexical), como veremos a seguir.

De acordo com Razky (2003), as cartas monodimensionais<sup>2</sup> têm uma característica metodológica que facilita a produção de cartas isoléxicas, uma vez que não integra uma amostra estratificada dos informantes nem mais de um informante por localidade em boa parte dos atlas publicados no Brasil. Com o advento da geolinguística bidimensional e pluridimensional, a análise de dados geolinguísticos se torna mais complexa, passando a permitir o cruzamento de dados numa mesma localidade e entre localidades.

Em decorrência disso, Razky (2013) afirma que o mapeamento de dados começa a revelar uma diversidade lexical no mesmo espaço físico, apesar de ainda se manterem configurações de uma identidade local ou regional que passa a ser vista em termos estatísticos para estabelecer tendências, e não características de identidades fixas.

<sup>2</sup> Cartas linguísticas que apresentam um mapeamento do fenômeno linguístico limitado a mostrar a variação geográfica sem levar em conta as variáveis sociais.



Assim, para Razky (2013), o conceito de isolexias passa, pouco a pouco, a ceder espaço a um conceito menos homogêneo, que pode ser chamado de *agrupamentos*, uma vez que, numa mesma localidade, podem ocorrer outras variações de menor uso, mas atestadas pela pesquisa de campo. A partir de então, o referido autor propõe o uso do conceito de *agrupamento lexical*, uma vez que acompanha a mudança em curso do léxico que é fruto de uma mobilidade geográfica dos falantes e do acesso ao universo lexical do outro, pelos meios de comunicação. Além disso, o fluxo de interações verbais, fruto de redes de comunicações complexas, vem quebrando o paradigma de isolexias ou, pelo menos, inserindo-o em um conceito do contínuo linguístico bem conhecido dos estudos sociolinguísticos.

Como mostramos nas figuras 1, 2, 3 e 4, não houve registro de apenas uma variante lexical para *cigarro de palha* e *toco de cigarro*. Constatamos para os itens lexicais analisados uma predominância de certas variantes, como o uso frequente da variante *porronca* na região Norte (Figura 1), apesar de ela não ser a única a ocorrer, visto que houve a realização de outras variantes, ainda que menos frequentes. Assim, esses resultados enunciam e ratificam o conceito de *agrupamentos lexicais*, uma vez que evidenciam o uso de mais de uma variante lexical numa mesma localidade.

Em relação à ideia de *contínuo dialetal*, Heeringa e Nerbonne (2001) levantam a hipótese de que a mudança (variação) do som se dá de palavra em palavra, e que cada mudança (variação) se espalha como uma onda, deixando resíduos diferentes, mas que podem facilmente resultar em um *continuum* de variedades linguísticas (fonético-fonológicas, semântico-lexicais, morfossintáticas etc.).

A partir do pressuposto de *contínuo dialetal* (HEERINGA; NERBONNE, 2001), pode-se inferir a hipótese de um *contínuo lexical*, tendo em vista os dados lexicais do Projeto Alap apresentados aqui. Como exemplo, cita-se a variante lexical *porronca* (Figura 3) de uso predominante no estado do Amapá; no entanto, se levarmos em conta as demais regiões brasileiras, percebemos que há um contínuo dialetal, e conseqüentemente lexical, que ultrapassa as fronteiras amapaenses, conforme explicitado pela Figura 1, mostrando que o uso da variante *porronca* espalha-se por toda a região Norte do Brasil, inclusive realizando-se em duas capitais do Nordeste – São Luís (MA) e Teresina (PI). Nesse sentido, é válido dizer que o uso dessa variante não está restrito ao estado do Amapá, visto que é perceptível um *contínuo lexical* que abrange o Norte do Brasil e começa a adentrar a região Nordeste.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante dos dados mostrados aqui, à guisa de conclusão, destacamos que para o item lexical *cigarro de palha*, mapeado no Atlas Linguístico do Brasil (Figura 1), constatamos três variantes mais frequentes na capital Macapá: *porronca*, *cigarro de tabaco* e *cigarro de palha*; enquanto nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Amapá foram registradas: *porronca*, *tabaco* e *charuto*, refletindo que nos dois atlas as variantes lexicais *porronca* e *tabaco* são frequentes. Resaltamos também que nos dados do Alap há outra variante que não apareceu nos dados do ALiB, *charuto*. Essa comparação entre os dois atlas linguísticos nos permite inferir que no Norte do Brasil a predominância lexical para a designação *cigarro de palha* diz respeito à variante *porronca* que ocorre tanto nas

capitais como nas demais localidades da região. Essa hipótese é sugerida, uma vez que registramos nas cidades não capitais do estado do Amapá a predominância de uso para essa variante.

Já em relação ao item *toco de cigarro* (Figura 2), observamos que a predominância de uso da variante *bagana* está concentrada no Norte do Brasil e que também é a variante mais frequente no estado do Amapá (Figura 4). Assim, inferimos que *bagana* caracteriza o uso predominante para designar *toco de cigarro* na região Norte.

Vale ressaltar que, no que tange aos conceitos de *agrupamentos lexicais e contínuo dialetal (lexical)*, os resultados apresentados foram fundamentais para validar a aplicação de tais conceitos. Essas comparações entre dados de atlas linguísticos são de suma importância para contrastar, ratificar ou complementar os resultados de pesquisas já publicados, levando o pesquisador não só a aprofundar mais os estudos dos dados, como também suscitando-o à reflexão, a fim de que possíveis análises linguísticas não denotem meras descrições superficiais da língua falada.

#### LINGUISTIC VARIATION FOR CIGARRO DE PALHA AND TOCO DE CIGARRO IN THE LINGUISTIC ATLAS OF AMAPA

**Abstract:** This article explains the linguistic variation found in the *corpus* of the project Linguistic Atlas of Amapa. As theoretical and methodological assumptions have to Dialectology and Geolinguistic. The results show that in Amapa, the item *cigarro de palha* presented ten variants, and the most frequent were *porronca*, *tabaco* and *charuto*. Already *toco de cigarro* presented eight variants, with as predominant variant *bagana*.

**Keywords:** Dialectology. Geolinguistic. Lexical variation.

#### REFERÊNCIAS

- CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A. et al. *Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. Londrina: Eduel, 2014.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: UEL, 2001.
- COSERIU, E. *La geografía lingüística*. Montevideo: Cuadernos del Instituto Lingüístico Latino-Americano, 1965.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- HEERINGA, W.; NERBONNE, J. Dialect areas and dialect continua. *Language variation and change*, v. 13, n. 3, p. 375-400, Oct. 2001.
- RAZKY, A. (Org.). *Estudos geossociolinguísticos do Pará*. Belém: Grafia, 2003.
- RAZKY, A. A dimensão sociodialetal do léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 247-270, dez. 2013.

RAZKY, A.; COSTA, E. Os itens lexicais cigarro de palha e toco de cigarro nos atlas linguísticos brasileiros. In: RAZKY, A. et al. (Org.). *Estudos sociodialetais do português brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2014. p. 165-181.

RAZKY, A.; COSTA, E.; OLIVEIRA, M. B. A distribuição geolinguística do item lexical toco de cigarro nas capitais brasileiras. *Rev. de Letras*, Fortaleza, v. 30, n. ¼, p. 35-44, jan. 2010/dez. 2011.

SANCHES, R.; RIBEIRO, C. Atlas Linguístico do Amapá: estudos dialetais e métodos de pesquisa. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 276-286, jan./jul. 2013.

Recebido em novembro de 2014.

Aprovado em setembro de 2015.